

**CURADORIA  
COLABORATIVA: uma  
experiência digital do  
Museu da Pessoa**

COLLABORATIVE CURATOR: a  
digital experience of the Museum  
of the Person

CURADORA COLABORATIVA: una  
experiencia digital del Museo de  
la Persona

**Karen Worcman<sup>1</sup>  
Rosali Maria Nunes Henriques<sup>2, 3</sup>**

**RESUMO**

O Museu da Pessoa é um museu digital de histórias de vida. Fundado em São Paulo em 1991, desenvolveu ferramentas para permitir que suas atividades museológicas – registrar, organizar e disseminar histórias de vida – fossem cada vez mais colaborativas. Recentemente, o Museu da Pessoa desenvolveu uma ferramenta – “Monte sua coleção” – para possibilitar que qualquer pessoa seja um curador de seu próprio acervo. Usando tecnologia de fácil acesso ao público em geral, como a internet, o “Monte sua coleção” permite que os membros da comunidade desenvolvam suas próprias coleções. O projeto tem como objetivo promover maior participação e conscientização do

<sup>1</sup> Doutoranda em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades (FFLCH/USP), mestra em Linguística (UFRJ) e graduada em História (UFF). Fundadora, diretora e pesquisadora do Instituto Museu da Pessoa ([museudapessoa.net](http://museudapessoa.net)) desde 1991. Conselheira do Center for Digital Storytelling ([storycenter.org](http://storycenter.org)). E-mail: [portal@museudapessoa.net](mailto:portal@museudapessoa.net).

<sup>2</sup> Doutora em Memória Social (UNIRIO), mestra em Museologia (ULHT, Portugal), especialista em Arquivologia [USP] e graduada em História (UFJF). É vice-líder do grupo de pesquisa Comunicação, Memória, Cultura e Cidade do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM/UFJF). Consultora Museu da Pessoa na área de acervo. E-mail: [rosalih@gmail.com](mailto:rosalih@gmail.com).

<sup>3</sup> Endereço de contato das autoras (por correio): Museu da Pessoa. Rua Natingui - 1039/1040, Vila Madalena 05443002 - São Paulo, SP – Brasil.

público, de forma a democratizar, cada vez mais, a produção e o uso das histórias de vida, tornando-as parte da memória social.

**PALAVRAS-CHAVE:** museu digital; curadoria; história de vida; Museu da Pessoa; memória social.

### **ABSTRACT**

The Museu da Pessoa, founded in São Paulo in 1991, has developed over the years tools for transforming, in a collaborative way, life stories of every person in the society part of the social memory. Recently, the Museu presented a pilot-project aiming at giving curatorial authority to the community. Using technology that is readily available to the general public such as the Internet, the Monte sua coleção allows members of the community to develop their own collections. The project promotes greater participation and awareness from the community of social memory and the available tools made available by cultural institutions in sustained.

**KEYWORDS:** social memory, technology, internet, curatorship, digital museum

### **RESUMEN**

El Museo de la Persona es un museo digital de historias de vida. Fundado en São Paulo el año 1991, desarrolló herramientas para permitir que sus actividades museológicas - registrar, organizar y diseminar historias de vida- fueran cada vez más colaborativas. Recientemente, el Museo de la persona desarrolló una herramienta, denominada "*Cree su colección*", para dar espacio para que cualquier persona pueda ser un curador de su acervo. Usando la tecnología de fácil acceso al público en general, como Internet, el "*Cree su colección*" permite a los miembros de la comunidad desarrollar sus propias colecciones. El proyecto tiene como objetivo promover mayor participación y concientización del público para democratizar cada vez más la producción y el uso de las historias de vida haciéndolas parte de la memoria social.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p57>

**PALABRAS-CLAVE:** Memoria social, tecnología, internet, curaduría, museo digital.

Recebido em: 30.05.2016. Aceito em: 01.07.2017. Publicado em: 01.08.2017.

## **Introdução**

Orhan Pamuk, escritor turco e ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 2006, escreveu em “The Innocence of objects” (2012), um manifesto do que deveria ser, a seu ver, o norte dos museus no século XXI. Nesse manifesto, Pamuk pontua que “o futuro dos museus está dentro de nossas próprias casas” e que “o sucesso dos museus deveria ser medido não a partir de sua habilidade em representar um estado, uma nação ou uma empresa ou, ainda, uma narrativa particular, mas, sim, na sua capacidade de revelar a humanidade dos indivíduos” (PAMUK, 2012, p. 55-58)<sup>4</sup>.

Seus comentários vêm ao encontro de um movimento que tem ocorrido desde a década de 1980, de importantes e significativas transformações do papel dos museus em nossas sociedades. Coleção, curadoria, participação, território, comunidade e virtualidade são ideias-chave que representam, de forma geral, uma série de conceitos constantemente revisitados no mundo dos museus. A questão que nos parece de especial importância nesse âmbito versa sobre qual é, de fato, o grande impacto das novas tecnologias para promover a transformação dos conceitos e práticas dos museus tradicionais?

## **Os museus em face das novas tecnologias**

Segundo Paul Virilio (2006), a internet fez surgir uma nova memória: a memória do presente. Essa memória é aquela do imediatismo, dos

---

<sup>4</sup> Tradução livre das autoras.

acontecimentos vividos e narrados ao mesmo tempo. Nesse sentido, ao postar um comentário no Twitter ou no Facebook sobre uma obra de arte vista num museu ou um fato ocorrido naquele momento, estamos vivenciando essa memória do presente. E, cada vez mais, as informações e, portanto, a memória, estão presentes no nosso cotidiano, pois “a memória é uma linguagem, um utensílio de comunicação” (VIRILIO, 2006, p. 94). E essa memória instantânea da internet luta o tempo todo contra o esquecimento, pois o seu excesso não favorece a preservação.

Na internet proliferam sites de histórias ou que incentivam a rememoração: são blogs, comunidades virtuais, sites de museus e de projetos de incentivo ao envio de histórias de vida. Muitos desses projetos são sobre eventos traumáticos como, por exemplo, o Holocausto, desaparecidos políticos, massacres em massa ou guerras civis. O maior objetivo é abrir espaço para que as pessoas possam se conscientizar sobre a importância de não se esquecerem de certos acontecimentos, de forma a que eles não se repitam. No entanto, o excesso de informação gerado pela sociedade pode vir a produzir um efeito contrário, ou seja, o de relegar ao esquecimento também esses acontecimentos. Andreas Huyssen (2000, p. 37) nos alerta para o excesso de “musealização” do cotidiano e para os movimentos da memória que as novas tecnologias digitais proporcionam:

Não há nenhuma dúvida de que, a longo prazo, todas estas memórias serão modeladas em grande medida pelas tecnologias digitais e pelos seus efeitos, mas elas não serão redutíveis a elas. Insistir numa separação radical entre memória “real” e virtual choca-me tanto quanto um quixotismo, quando menos porque qualquer coisa recordada – pela memória vivida ou imaginada – é virtual por sua própria natureza.

Huysen afirma que vivemos uma avalanche de movimentos nostálgicos: moda retrô e obsessiva “musealização”. Ele questiona se esse excesso de memória não acaba produzindo um “explosivo” esquecimento e muito do que consumimos hoje não seria, em realidade, “memórias imaginadas”. Segundo ele, “quanto mais nos pedem para lembrar, no rastro da explosão da informação e da comercialização da memória, mais nos sentimos no perigo do esquecimento e mais forte é a necessidade de esquecer” (HUYSEN, 2000, p. 20). Nesse sentido, também Eco (1999), em entrevista publicada em 1999, já alertava para a crise da memória a partir do acúmulo de informações produzidas pela internet. Para o autor, a internet seria uma espécie de “um imenso Funes<sup>5</sup>”, pois “até o presente a sociedade filtrava para nós, por intermédio dos manuais e das enciclopédias”. Com o advento da internet, “ampliamos nossa capacidade de estocagem da memória, mas não encontramos ainda o novo parâmetro de filtragem”.

A partir dos anos 2000, blogs, programas de TV, rádio e livros começaram a incluir em seu conteúdo e programação a experiência de pessoas e grupos sociais diversificados. Os “círculos de história”, que formam partes tradicionais das sociedades orais, foram revitalizados como base para a produção de histórias digitais, um recurso usado para mobilizar grupos sociais em todo o mundo (LAMBERT, 2009). Segundo Joanne Garde-Hansen (2011, p. 80), o YouTube, o terceiro site mais visitado na internet, tornou-se uma plataforma onde escritores, artistas, advogados e empresários sociais podem atuar sem a necessidade de infraestrutura de grandes instituições. O

---

<sup>5</sup> No conto “Funes, o memorioso”, o escritor argentino Jorge Luís Borges conta a história de um homem que, após cair de um cavalo, passa a se lembrar de todos os detalhes da sua vida, sem esquecer nenhum pormenor. Essa situação leva a um esgotamento de Funes, que não consegue abrir espaço para a criação de novas lembranças e acaba falecendo por problemas no pulmão.

mesmo ocorre com a produção de memórias pessoais. São novas formas de registro, preservação e, sobretudo, distribuição das memórias. Nas redes sociais, as memórias pessoais estão constantemente sendo produzidas, compartilhadas e trocadas. Na verdade, há uma série de novas maneiras de registrar, preservar e, acima de tudo, disseminar memórias.

O excesso de memória na internet, no entanto, pode apresentar duas faces: de um lado, pode significar uma maior disseminação de conteúdo e, portanto, maiores possibilidades de preservação; por outro lado, pode ser apenas um excedente sem grandes significados. Como afirmam Dodebei e Gouveia (2008),

disseminar a informação é também uma forma de proteção, dentro da perspectiva da memória em movimento. Pensamos que o sentido de acumulação deva ser revisto. A cultura do acúmulo parece estar em jogo, um jogo que oscila entre lembrar e esquecer.

A produção e a reprodução de registros memoriais na internet, principalmente nas redes sociais, provocam um excesso de informações que, disseminadas, poderão servir à preservação da memória digital. Nesse aspecto, estamos trabalhando com o conceito de preservação através da ampla divulgação: quanto mais viral um conteúdo for, mais chances ele tem de ser preservado, pois será replicado em diferentes sites, ampliando suas possibilidades de preservação (DODEBEI, 2011).

Joanne Garde-Hansen *et al.* (2009) pontuam que, na maior parte da história ocidental, a preservação da memória coletiva exigia um grande esforço da sociedade. De escribas a fotocopiadoras e de pintores a fotógrafos, seus esforços foram direcionados à preservação da memória. Nesse contexto, os museus – especialmente os museus ocidentais – desempenharam um

papel-chave, oferecendo espaços que as sociedades “entendiam” ou podiam facilmente “considerar” como sendo de grande valor. No entanto, desde então tem sido amplamente reconhecido que tais esforços museológicos de seleção, preservação e disseminação sempre trazem inflexões políticas e, talvez mais importante, muitas vezes foram dirigidos a segmentos específicos da sociedade. É um processo que pressupunha esforço e recursos e, nesse sentido, traduzia valores e visões de um dado segmento da sociedade.

Com o advento das novas tecnologias, esses esforços de seleção e preservação tornaram-se comuns, até banais. Atualmente é possível para qualquer pessoa gravar um evento, um acontecimento, ou mesmo um show usando um telefone celular. Mas o que significa essa transformação? Como podemos diferenciar esses registros e definir quais deles podem se tornar parte de nossa memória social? Como diferenciar os conteúdos em meio a um manancial de registros e informações banais que nos inundam todos os dias? Nesse contexto, a seleção não necessariamente pressupõe um domínio dos recursos (embora este continue certamente a ser uma suposição óbvia e comum), mas implica conceito, validação e legitimidade. A quem, então, deveria ser conferida a responsabilidade de legitimar o conteúdo? Tradicionalmente, em museus, esse é o papel do curador. No entanto, com o advento de novas tecnologias, democratização e novas ideias em museologia, quem mais pode assumir esse papel? Essa é uma questão fundamental para que os museus do século XXI insiram-se no mundo colaborativo, digital e tumultuado dos dias atuais: como deixar de ser o “guardião” da memória para tornar-se um ator/facilitador das memórias que surgem de forma não linear no dia a dia?



A museologia sofreu, ao longo do século XX, mudanças estruturais na forma de ver e pensar o museu. Essas mudanças foram, principalmente, na forma como as pessoas passaram a lidar com o seu próprio patrimônio, tornando-o um elemento ativo no processo de desenvolvimento social, pois a museologia passa a ser entendida como uma ciência interdisciplinar e voltada para o desenvolvimento. O museu deixa de ser uma instituição encastelada no seu saber e passa a valorizar a participação da comunidade em seu processo museológico. Nesse sentido, a “musealização” do patrimônio deixa de ser um privilégio dos museus para se tornar uma prática exercida pelos grupos sociais envolvidos no processo de uma ação museológica, pois

A “musealização” é, então, processada na prática social – no interior do museu ou fora dele –, em sua dinâmica real, no tempo e no espaço, abordando a cultura de forma integrada ao cotidiano, ampliando as suas dimensões de valor, de consciência e de sentido (SANTOS, 2003, p. 15).

A museologia contemporânea foca em ações museológicas que sirvam de instrumento para contribuir para mudanças sociais. E essas ações estão ligadas à memória, não só por ser o museu um lugar de memórias, memórias dos objetos e memórias das pessoas, mas também porque os museus são lugares de interação das pessoas com o seu patrimônio. Ao longo dos últimos 20 anos, os avanços tecnológicos, a globalização e a transformação nos meios de comunicação deslocaram o papel das pessoas na produção e disseminação da informação, atribuindo maior valor às histórias de vida das pessoas. Nesse contexto, pode-se dizer que a internet e, principalmente, as redes sociais alteraram profundamente o papel que os indivíduos desempenham na produção do conteúdo, fenômeno que teve um profundo efeito sobre a produção coletiva da memória. Hoje, a noção de que as histórias de vida constituem um importante patrimônio cultural intangível

não é mais contestada, e a preservação e disseminação de histórias de vida é um meio importante para promover e efetuar a mudança social (THOMPSON, 1992). Nesse sentido, o surgimento de novos museus, como o Museu da Pessoa, serviu para repensar o próprio papel dos museus enquanto instituições que podem constituir novas perspectivas sobre o que podemos considerar como sendo patrimônios em nossa sociedade.

### **O Museu da Pessoa: um museu virtual de histórias de vida**

O Museu da Pessoa, um museu virtual aberto e colaborativo, fundado em São Paulo, em 1991, tem se dedicado a encontrar novas respostas a essas questões e a desenvolver novas ferramentas para preservar e divulgar histórias de vida. Ele se dedica a mudar as percepções sobre como os museus operam e qual é o seu papel e a sua contribuição para a sociedade. O Museu da Pessoa surgiu com a premissa de que qualquer pessoa pode se tornar mais do que apenas um visitante: qualquer pessoa pode se tornar parte da coleção do Museu, preservando sua narrativa de vida, suas fotos e documentos; e qualquer pessoa pode também exercer o papel de curador, na medida em que pode pesquisar, selecionar e relacionar histórias, imagens, pessoas e vídeos disponíveis em sua plataforma ([www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net)).

O Museu da Pessoa foi, desde o seu início, concebido para ser um museu virtual de histórias de vida. É um museu que tem na sua concepção original a ideia de virtualidade, pois ele já nasceu com o propósito de “reconsiderar” o espaço museológico. A criação de um museu de histórias de vida quase que pressupõe o conceito de museu como um espaço virtual, à

medida que é quase impossível “musealizar” pessoas, no sentido tradicional do termo, tal como “musealizamos” objetos. A “musealização” das pessoas deve ser traduzida por meio de símbolos e, no caso do Museu da Pessoa, é a “musealização” de suas histórias de vida, suas narrativas, suas experiências e sua trajetória pessoal.

A ideia de democratização da memória, defendida pelo Museu da Pessoa, não se constitui somente em oferecer às pessoas a possibilidade de terem sua história de vida preservada, mas também em fazer com que essas histórias sejam utilizadas para promover mudanças sociais. Nesse sentido, baseia-se nos conceitos defendidos pelo movimento da Nova Museologia, onde o papel dos museus não é somente o de preservação de conhecimento, no caso das histórias de vida, mas também de mediador no processo de transformação social de determinada comunidade por meio de uma tecnologia social de memória desenvolvida a partir da sistematização de sua metodologia e de sua atuação em escolas públicas, comunidades e instituições de todo o Brasil (GARDE-HANSEN E WORCMAN, 2016).

O Museu da Pessoa realizou mais de 250 projetos nas áreas de memória institucional, educação, comunicação e desenvolvimento comunitário. Desde sua fundação, ajudou cerca de 90 dos maiores sindicatos e empresas do Brasil a contarem suas histórias. Também uma tecnologia de memória social desenvolvida pelo Museu, após a sistematização de sua prática, tem sido aplicada a mais de 5 mil escolas públicas em cerca de 60 cidades do Brasil. Todo esse trabalho se baseia na metodologia que também ajudou comunidades e grupos locais a organizarem, de forma autônoma, sua própria memória. Da coleção do Museu da Pessoa de cerca de 18 mil histórias de vida, 6.913 estão atualmente acessíveis em seu site. Em 2015, 300

narrativas pessoais foram criadas via plataforma digital, além de terem “nascido” 41 novas coleções temáticas por meio dessa curadoria colaborativa. Em 2015, As visualizações da página do seu portal ([www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net)) eram mais de 1 milhão, e seu conteúdo do Facebook foi visto por 5.854.101 pessoas.

Em 2015, uma nova ferramenta foi inaugurada em seu portal ([www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net)). Chamada “Monte sua coleção”, permite que cada pessoa torne-se também curadora do acervo do Museu. A ferramenta permite que se faça uma busca para selecionar perfis de pessoas, histórias, imagens e vídeos a partir de uma dada temática. Para construir suas coleções, os usuários podem realizar buscas para identificar e exibir perfis, histórias, fotografias e vídeos com base no tema escolhido. A pesquisa pode ser realizada usando palavras-chave, incluindo autor, título ou nome dos arquivos. Uma vez composta a coleção, o autor pode descrevê-la, classificá-la e publicá-la, compartilhando esse conteúdo por meio das redes sociais.

No início, a própria equipe do Museu da Pessoa lançou uma série de coleções vinculadas a datas significativas, como os 50 anos do golpe de 1964, (<http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/colecao/golpe-de-64-97503>). Nessa coleção estão reunidos 15 depoimentos, entre os dados por jornalistas, estudantes, exilados, artistas e educadores que tiveram suas vidas impactadas pelo golpe e que nos trazem diversas perspectivas de um mesmo evento histórico. Nos meses seguintes, os internautas começaram a se apropriar da ferramenta e surgiram novas coleções, montadas e disseminadas por eles. Dentre elas destacamos, por exemplo, a de Valeria Tessari, nascida em 1976 e doutoranda no Programa de Design da UFPR (Universidade Federal do Paraná). A coleção, chamada *Tecidos, roupas, sapatos, moda: memória*

*material* (<http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/colecao/tecidos-roupas-sapatos-moda-memoria-material-97442>), reúne nove histórias de vida, seis imagens e vídeos selecionados do acervo do Museu da Pessoa. Valéria explica que é “uma coleção de memórias a partir de objetos cotidianos, fabricados (pelas) e fabricantes (das) relações humanas” (palavras da autora). Ela mesma indexou a coleção por meio de palavras-chave para permitir a busca por outros internautas usando palavras como: roupas, sapatos, cultura material e memória. Valéria colabora também com suas próprias histórias (<http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/pessoa/valeria-tessari-28198>).

Outra coleção, *Ensinaamentos brasileiros* (<http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/colecao/ensinaamentos-de-brasileiros-100158>), de Dalvací Porto, reúne “histórias de educadores brasileiros, em processos de construção de caminhos para uma educação emancipatória do povo brasileiro” (palavras da autora). Dalvací, ela própria uma educadora, filha de um mecânico e de uma costureira, nasceu e cresceu no semiárido da Bahia. Em suas próprias palavras: “Geminiana, gosto de ler, escrever. Gosto de cultivar jardins e brincar com cachorros. De uns anos pra cá dei de bordar e costurar à mão. Tenho um enorme prazer em criar *arpilleras*. Gosto de arte em geral. Sou aprendiz do budismo tibetano.” Além da coleção, Dalvací narrou sua própria história, a de sua mãe e a de um sobrevivente do Holocausto. Ela faz uso das possibilidades oferecidas pelo Museu da Pessoa para tornar-se uma colaboradora efetiva da construção de uma memória coletiva.

### **Considerações finais**

No Museu da Pessoa qualquer pessoa pode ter sua história preservada e divulgada através da rede mundial de computadores, pois basta se cadastrar e enviar sua história para o portal de memórias. No ato de registrar sua história no Museu da Pessoa, seja através da gravação de um depoimento, seja enviando sua narrativa pela internet, a pessoa está imbuída por um desejo de memória, de preservação de sua história para a posteridade. No entanto, a possibilidade de que qualquer pessoa possa, além de registrar sua história, também produzir uma curadoria sobre o seu próprio acervo ou de outrem extrapola as fronteiras da comunicação museológica. Ela participa da construção de uma memória social coletiva, mas também produz informação estruturada e compartilhada na internet, com um olhar voltado para o patrimônio.

Ao repensar o próprio conceito de espaço museológico, os museus virtuais também devem repensar o conceito de curadoria. Ao proporcionar uma experiência de curadoria colaborativa, o Museu da Pessoa reconstrói a lógica da preservação da memória, apontando o indivíduo como corresponsável pelas ações museológicas. Assim, essa memória do presente, tal como afirma Virilio (2006), está sendo construída o tempo todo, não somente nas redes sociais, aos postarmos nossos registros de memória, mas também na produção consciente de uma memória coletiva colaborativa nas coleções do Museu da Pessoa. No entanto, diferentemente dos excessos de registros compartilhados nas redes sociais, a curadoria colaborativa do Museu da Pessoa possibilita um olhar diferenciado sobre a memória das pessoas. E esse olhar não é o do especialista, de um museólogo, por exemplo, mas das pessoas comuns, que podem contribuir para a construção de uma memória

coletiva a partir de suas próprias experiências. Nesse sentido, esse olhar de quem organiza uma coleção é sempre permeado pelas suas próprias experiências pessoais, o que enriquece o processo de comunicação museológica. Assim, essa explosão da memória do presente, tal como nos afirma Huyssen (2000), não é necessariamente um mal, visto que também proporciona encontros diferenciados entre os indivíduos, suas memórias e as memórias dos outros, compartilhadas num espaço museológico.

Esta experiência está apenas começando e pode, ainda, permitir inúmeros desdobramentos. No entanto, podemos, desde já, dizer que ela traz novas possibilidades para que os museus ampliem seus escopos de atuação, pois reverte a lógica tradicional que permeia, ainda, grande parte dos museus ocidentais. Ao trazer para o público a possibilidade de tornar-se o “curador” de um museu, ampliam-se as possibilidades de construção colaborativa de novos conteúdos de memória e abre-se espaço para novas percepções e “enquadramentos”. De forma alguma essa iniciativa invalida ou sobrepõe-se ao papel exercido pelos curadores especialistas, mas enriquece de forma inovadora a participação do público, criando, assim, um novo horizonte para que os museus se reinventem não só no mundo digital, mas também nos territórios físicos e simbólicos da sociedade do século XXI, permitindo que dialoguem, se possível cada vez mais, com a visão de Orhan Pamuk, ou seja, a de que cabe aos museus o espaço para a representação das expressões humanas em toda a sua simplicidade.

## Referências

ECO, Umberto. "O *bug* da memória". Entrevista publicada no site da **Folha de São.Paulo**. Biblioteca Folha, 1999. Disponível em: <http://biblioteca.folha.com.br/1/02/1999080801.html>. Acesso em: 3/4/2014.

DODEBEI, Vera. "Memória e patrimônio: perspectivas de acumulação/dissolução no ciberespaço". *In*: **Aurora**: revista de arte, mídia e política, n. 10, 2011. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/4614>. Acesso em: 17/3/2014

DOBEBEI, Vera; GOUVEIA, Inês. "Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer". *In*: **DataGramZero**: revista de ciência da informação, v. 9 n. 5, outubro de 2008. Disponível em: [http://www.dgz.org.br/out08/Art\\_02.htm](http://www.dgz.org.br/out08/Art_02.htm). Acesso em 17/2/2014.

GARDE-HANSEN, Joanne. **Media and memory**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2011, p. 80.

GARDE-HANSEN, Joanne; HOSKINS, Andrew; READING, Anna. **Save as... Digital memories**. Londres: Palgrave Macmillan, 2009.

GARDE-HANSEN, Joanne; WORCMAN, Karen. **Social Memory Technology: theory, practice, action**. New York: Routledge, 2016.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LAMBERT, Joe. **Digital storytelling: capturing lives, creating community**. 3 ed. Berkeley: Digital Diner Press, 2009.

PAMUK, Orhan. **The innocence of objects**. Nova York: Abrams, 2012, pp. 55-58.

SANTOS, Maria Célia. Programa de formação e capacitação em museologia (eixo programático nº 3). *In*: MINISTÉRIO DA CULTURA – **Política Nacional de Museus: memória e cidadania**. Brasília: Ministério da Cultura, 2003, p. 14-32.



THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIRILIO, Paul. *O paradoxo da memória do presente na era cibernética*. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana**: comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006. pp. 90-104.